

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDREIA CRISTINA TAGLIACOL RANTICHIERI

**O LÚDICO E O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANDREIA CRISTINA TAGLIACOL RANTICHIERI

**O LÚDICO E O PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré requisitos para conclusão de Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Rantichieri, Andreia Cristina Taglicacol

R175L O lúdico e o processo de ensino - aprendizagem : memorial de formação /
Andreia Cristina Taglicacol Rantichieri. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-377-BFE

DEDICATÓRIA

Ao meu querido esposo Ednilson
Muitos foram os momentos em que não pudemos fazer juntos.
Agora, minha conquista também te pertence,
pois, com teu apoio, tua paciência, amizade
e o carinho amenizaste as dificuldades em minha jornada.

AGRADECIMENTOS

A meus pais e irmãos...

Obrigado por amparar meus sonhos, e acreditar nesta maravilhosa conquista.

”Tudo que se sonha com amor se pode conseguir.

Tudo é assim, a gente vive mais feliz.”“.

Sandy e Junior

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
1. LUDICO, UM NOVO OLHAR	09
2. O PAPEL DO PROFESSOR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	12
3. ATIVIDADES LÚDICAS, UM MEIO, UM CAMINHO	17
4. MATEMÁTICA E LÚDICO DE MÃOS DADAS	21
5. AVALIAÇÃO	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

APRESENTAÇÃO

Memória

Amar o perdido

Deixa confundido

Este coração

Nada pode o olvido

Contra o sem sentido

Apelo do não

As coisas tangíveis

Tornam-se insensíveis

A palma da mão

Mas as coisas findas

Muito mais que lindas,

essas ficarão

(Carlos Drumond de Andrade)

É com grande satisfação que apresento o memorial de formação, buscando no mais íntimo de minha memória compartilhar minha trajetória de vida, experiências escolares tanto pessoal quanto profissional.

Ao leitor trago nestas linhas a importância de se resgatar momentos lúdicos como construção do conhecimento através de uma aprendizagem significativa, produtiva e desafiadora, tornando o ensino prazeroso.

Acredito que o lúdico pode estar contribuindo na aprendizagem ou mesmo como fonte de inspiração na área cognitiva, além de atender outras necessidades básicas do dia-a-dia como, relações pessoais, a criatividade e o respeito as idéias do outro.

Durante minha trajetória de vida profissional muitas idéias foram surgindo em minha mente sobre o lúdico. O que antes poderia ser motivo de bagunça, hoje com a formação e base teórica que pude adquirir na faculdade, percebo que os momentos lúdicos em sala de aula possibilitam mais liberdade de expressão, o respeito aos limites, o desenvolvimento da autonomia e com isso mais interesse, encontrando assim um sentido maior à aprendizagem para sua vida.

Desde o ensino fundamental que freqüentei, as decisões sempre foram tomadas pelos professores, exigindo uma sala quieta e comportada, não permitindo que déssemos opiniões e interagíssemos. Portanto, não se preocupavam em formar cidadãos independentes e críticos que possam pensar por si mesmo, que possam saber decidir, recriar, criar suas idéias. Então surgiu a necessidade de mudança na maneira de aplicar os conteúdos contribuindo assim para a formação do cidadão autônomo, porque:

quando começamos como educadores a introduzir a coação por mínima que seja, naquilo que a natureza humana individual quer: quando não compreendemos ser necessário deixá-la livre e sermos apenas os guias auxiliares, prejudicamos então a organização humana para toda a vida eterna (STEINER, 1986, P.10).

Dúvidas e contradições iniciaram quando comecei a lecionar, então ressalto quão grande a importância da minha formação, pois foi através dessa experiência de muitas descobertas, que introduzi momentos lúdicos em sala de aula, utilizando-os como meio de aprendizagem, sem que as crianças percebessem que estavam trabalhando algum conteúdo, além de proporcionar momentos prazerosos.

As atividades lúdicas podem influir significativamente na questão da avaliação. Podendo assim, rever o trabalho pedagógico e até mesmo os avanços alcançados pelos alunos.

Neste trabalho quero abordar também a questão da afetividade que se dá através da interação, ajudando a criança a compreender e elaborar estratégias do que através de exercícios mecânicos.

O LÚDICO, UM NOVO OLHAR...

Brincar com as crianças não é perder tempo é ganhá-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

Recuperar o meu processo de aprendizagem, através da escrita, possibilitou-me a tomada de consciência do que realmente aconteceu naquele período de minha vida "... o furto da possibilidade da vivência do lúdico na infância, ou pela negação temporal e espacial do jogo do brinquedo". (MARCELLINO, 1990, p. 55,54).

Essas lembranças me trazem um novo olhar como pessoa e como profissional da educação.

A compreensão das idéias que determinavam a prática educacional daquela época possibilitou-me ressignificar, reconstruir, repensar com imagens e idéias, hoje, a minha prática educacional.

Minhas vivências em escolas públicas sempre foram com crianças de classe baixa. Muitas das vezes deixei escapar oportunidades de trocas de experiências onde pudesse proporcionar conhecimentos e valorização do indivíduo.

O grande equívoco da educação é deixar os conhecimentos cotidianos desses alunos fazendo-os omitirem suas experiências.

Mas através da proposta do PROESF comecei a modificar-me internamente, pois eram em nossos encontros que levávamos nossas angústias, dúvidas, experiências vivenciadas em sala de aula... Então, parei para refletir a situação de nossos alunos, sem qualquer oportunidade para livre expressão daquilo que também os angustiavam, uma vez que, carregam suas vivências fora do universo escolar.

Precisava acreditar nessas crianças, em suas capacidades, sem rotular fazendo comparações igualitárias.

Para isso diversifiquei as aulas colocando o lúdico como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando às manifestações corporais presentes na relação que as crianças mantêm com o mundo, tornando assim uma aprendizagem significativa porque:

Somente o trabalho diversificado livre exercita a opção, oferece espaço à discussão de idéias, valores e opiniões, e impõe limites naturais gerados pelas necessidades e desejo do grupo, pondo a criança em constante reconhecimento e avaliação dos resultados de sua ação física e social. (RIZZO, 2001, p. 31).

Assim, o lúdico, mais especificamente o jogo, motiva e estimula a construção de esquemas e raciocínio lógico. Seus desafios fazem com que o indivíduo busque soluções, obrigando-os a desenvolver estratégias como a antecipação à ação do outro e sua própria ação. Trata-se de um exercício que leva a criança a considerar o ponto de vista do outro, sem esquecer-se do seu.

O interesse despertado por qualquer atividade lúdica, produz como resposta, o empenho da ação intencional em alguma direção ou propósito, fato essencial para produzir a construção de esquemas racionais cada vez mais aperfeiçoados.

Porém, essa perspectiva não é fácil de ser adotada na prática, muitas dúvidas e algumas inseguranças me rodeiam, mas considero-me num processo importante e significativo, em constante transformação.

Meu objetivo é sentir-me desafiada, sobretudo repensar na prática e perceber-me como sujeito do processo da construção de conhecimentos das crianças.

Procuro em sala de aula, ampliar cada vez mais as vivências das crianças com o ambiente físico, com o lúdico sob a ótica do desenvolvimento, da autonomia e da liberdade.

Segundo Rizzo (2001) esses dois conceitos citados anteriormente (autonomia e liberdade), não nascem com o indivíduo e são alcançados ao longo da vida, embora sendo muito difícil, pois é necessário o distanciamento da proteção dada pelo adulto.

Proteção essa que senti na “pele” até pouco tempo. Fruto de um ensino sem oportunidades de discussões, trocas de idéias e experiências entre as crianças. Não tenho recordações de algum momento de minha vida escolar, ou seja, no ensino fundamental, professores dando oportunidades de aprendizagem significativa. Lembro-me somente da professora enfatizando meus erros e mais erros, pois o caminho para a busca de soluções era único. Tratávamos como se fossemos homogêneos. Assim durante essa trajetória de estudos pude inovar meu planejamento e minha prática.

As aulas de Educação Infantil e de Matemática, contribuíram muito e claramente vejo nos meus alunos que os momentos lúdicos respondem às necessidades intelectuais

e afetivas, estimulando a vida social. Possibilita à criança entrar em relação com o real, o imaginário, sob diversas formas.

Procuro planejar minhas aulas tentando ajustá-las com as necessidades do grupo de alunos, dando espaço para que o lúdico aconteça de forma significativa.

Numa determinada aula de ciências, trabalhamos o corpo e os cuidados com o mesmo. Depois disponibilizei vários materiais de higiene, bonecas, deixei-os livres para que fizessem representações, imaginassem alguma situação, enfim ficassem livres para brincar. O meu objetivo foi alcançado, pois, numa comunidade carente em todos os sentidos havia a necessidade de trabalhar para que o indivíduo aprenda a conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um aspecto básico da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação a saúde pessoal ou individual.

Nesses momentos, é importante deixá-los usar diferentes linguagens, verbal, matemática, plástica e corporal, como meio de produzir, expressar e comunicar idéias, interpretar idéias e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções de comunicação.

O PAPEL DO PROFESSOR E O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM

As crianças do Mundo
As crianças,
que pensamos nossas, são do mundo;
suas experiências só a elas pertencem.
Alucinada pretensão a nossa, intentar temperá-las ao nosso paladar.
seus mundos,
tão herméticos quanto fartos, guardam os mil segredos
que darão formas e conteúdos
aos seus lugares na manhã do amanhã.
Seus sorrisos,
transbordantes da confiança e da coragem que nos faltam,
projetam um salto, querer argutos mil passos à frente.
Seus sonos,
mansos na face, não são limpos de nuvens;
mil chumaços multicores acolhem seus esboços
para o traço de tato seguro de uma aurora que baterá à porta.
Seus brinquedos gastos, amigos vastos: tesouro sem preço.
Seus toques, mãos mágicas e pueris,
é sopro de vida ao boneco de plástico, seu parceiro e herói;
é expressão mais cristalina de partilha com seus amiguinhos da classe.
As crianças,
que pensamos nossas, são do mundo.
Simão Miranda

Como qualquer criança, sonhava em realizar-me de corpo e alma numa escola que cultivasse a busca do saber através da alegria, não apenas com discurso e o quadro-negro, mas com a dialética, sabendo ouvir, possibilitando o pensar, o experimentar, a descoberta do mundo através do lúdico.

Toda essa magia esperava da escola, pois se em casa eu vivenciava esses momentos de ludicidade, a escola então seria o paraíso.

Mas o que guardei na memória desse tempo foi conhecimento formalizado, estruturado, a aversão às dimensões educativas do lúdico como forma rica e prazerosa de estimular a atividade construtiva.

... é enorme a influência do brincar no desenvolvimento da criança. É no brincar que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos por objetos externos. (VYGOTSKY, 1989, p. 109).

Terminando o ensino fundamental, optei por um curso técnico mesmo contrariando meus pais. Fazer o magistério naquele momento não tinha nenhum significado, porquanto sofri muito com a timidez e algumas condutas dos meus professores. Sempre demarcaram meus erros como se eu quisesse cometê-los.

Mas no ano seguinte fui fazer o magistério e com o passar dos anos foi despertando o gosto pela educação e acredito que essa paixão estava adormecida em meu coração, pois sentia que ser professora era o sonho ideal para minha vida. Tive ótimos professores, abriram-nos novos horizontes. Possibilitou-me momentos de trocas, criação. Trabalharam muito com minha auto-estima.

Em 1995 terminei o magistério e fui para as escolas estaduais como eventual e estagiária. Muitos ideais em relação à educação ficaram adormecidos, sendo obrigada a me enquadrar num sistema de muitas regras, onde o aluno, não poderia jamais abandonar sua carteira, caderno, lápis... sem contar que a ordem era fundamental.

Essa forma mecânica e maçante me deixava inquieta, porém não tinha argumentos e me faltava teoria para provar que uma forma prazerosa de ensino era possível. Ao lecionar durante esses anos, muitos erros cometi, não tinha espaço no ambiente escolar e nem em minha memória que pudesse contribuir para minha prática pedagógica.

Trouxe para a UNICAMP minha prática profissional, a dimensão de uma realidade que muitas das vezes não permitia o desenvolvimento da potencialidade dos meus alunos.

No decorrer dos estudos consegui suporte para desenvolver momentos lúdicos em sala de aula. Observei que a criança quando brinca, joga, faz-de-conta, é capaz de levantar hipóteses, faz estratégias, exercita-se por inteiro, entra num mundo de comunicações complexas que vão ser utilizadas no contexto escolar, nas situações educativas.

Para todo esse desenvolvimento, o professor tem que despertar o interesse do aluno. Ainda o professor, exerce um papel de coadjuvante, ajudando de forma cooperativa através de momentos desafiadores e o aluno por sua vez é o protagonista deste cenário, aquele que se apropria e trabalha os dados que o meio, através do professor e dos demais alunos, lhe oferece, bem como aquele que estabelece relações com o conhecimento anterior. Saliento que a motivação e a interação permeiam o papel de ambos, de forma mútua, recíproca.

É ainda, através do lúdico, que a criança se apropria dos conteúdos disponíveis, pois acredito que no decorrer de seu desenvolvimento cognitivo a criança evolui por estágios. Segundo Piaget (1977), estes são os estágios: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos), operatório-concreto (7 aos 12 anos) e operatório-formal (12 anos em diante).

Em cada um desses estágios a criança apresenta diferentes características cognitivas, diferentes interesses por jogos e diferentes formas de representar o lúdico. Os jogos, o brincar, o vivenciar com os objetos acompanham todo o desenvolvimento da criança e a partir dele, começa a compreender-se como um ser ativo na sociedade.

Se observarmos nossas crianças, constataremos que aprendem uma infinidade de coisas essenciais para sua vida posterior. Desde o berçário, o educador deve estimular e trabalhar com momentos lúdicos.

A criança ainda no berçário, período sensório-motor, realiza jogos e exercícios que facilitam o desenvolvimento motor e o controle do que está ao seu redor. A partir dos 2 anos e até os 6, o que vemos na educação infantil, são atividades lúdicas dominantes, jogos simbólicos, neles, exercitam papéis sociais. Brincam de ser filhos, irmãos, mães, médicos, professores...

Por tudo, sinto-me na responsabilidade de dar espaço para que as crianças vivenciem, explorem tudo que está ao seu redor.

Permito que nas atividades lúdicas a criança se expresse, se sinta útil, alegre, gratificada, que possa, resolver situações de forma criativa sentindo prazer pela atividade porque:

À medida que crescem, as crianças conquistam maior autonomia e conseguem levar adiante ações que tinham finalidade, a formular questões mais elaboradas, aprendem a trabalhar diante de um problema, desenvolvem estratégias, criam ou mudam regras de jogos, revisam o que fizeram e discutem as diferenças.(BRASIL, 1998, p. 213).

Sem dúvida, o papel do educador deve ser aquele que gera necessidade de ação em seu aluno, que consegue conquistar seu empenho nas atividades. E quando o objetivo do educador é a construção da inteligência lógica, é necessário colocar o aluno frente a uma situação que o envolva emocionalmente na busca da autonomia. Procuro ser bastante cuidadosa nos momentos de intervenção, levando sempre em conta o processo de ensino e a aprendizagem individual de cada aluno.

A cada tempo vou aperfeiçoando-me na forma de trabalhar o lúdico, vejo o quanto é necessário organizar, planejar e ser flexível com as aulas. Com isso é possível encontrar prazer na atividade. Confesso que esses momentos lúdicos têm me proporcionado muita felicidade por ver o crescimento e desenvolvimento de cada criança. É o reconhecimento do valor inerente ao prazer de pertencer a esse enorme tabuleiro em que ganhamos, perdemos, encenamos sempre.

As aulas de matemática e educação infantil contribuíram bastante, me fez perceber o brincar como ato de descoberta, de investigação, de criação.

Nós educadores, devemos ter em mente que nossa formação não é linear, não vem de um curso para o professor e segue dele para os alunos e sim é toda a junção da teoria com a prática, e circula, está sempre girando como trocas e ações do aprender fazendo. E se isto acontece em qualquer área, é no brincar que consigo ver as crianças mais a vontade para intervir, contribuir e lançar propostas desafiadoras.

Uma aprendizagem compreensiva exigiu de mim, enquanto educadora, conhecer o processo de pensamento de meus alunos, levando atividades interessantes para que pudessem resolver, sendo assim, estarão atingindo níveis mais elevados de desenvolvimento, que os habilitarão a aprendizagens complexas.

Nesses anos de faculdade, fiz uma avaliação do meu trabalho e quantas coisas essenciais ficaram sem se realizar, o quanto à dicotomia está presente não só no trabalho e lazer, mas tudo o que decorre daí como aprendizagem e prazer, competência e alegria.

Nessa mutação constante em que estou, procuro priorizar o trabalho coletivo e participativo, numa forma lúdica para que as crianças construam seus conhecimentos em interação com o grupo no qual encontra-se inserida e junto à comunidade da qual participa. Nesse espaço, são ensaiados diversos papéis sociais, a cooperação e a criticidade em busca da descentralização e da cidadania.

Quando estão envolvidos em brincadeiras e encontram algum problema, a primeira coisa que comecei a observar é à procura da professora.

A maioria das vezes que isso acontecia eu imediatamente resolvia os problemas. Hoje evito dar respostas prontas, procuro criar conflitos, para que nesse desafio de encontrar a solução possa desenvolver a aprendizagem cognitiva.

Por tudo isso, que o relacionamento contemple sempre o respeito mútuo.

ATIVIDADES LÚDICA, UM MEIO, UM CAMINHO...

“O mundo é para ser brincado.

A vida é para ser brincada.”

Rubens Alves.

Ao recordar-me da minha infância, consigo nitidamente perceber como fiquei anos “parafusados” numa cadeira, enxergando um mundo tão pequeno... mundo esse, que não passava da cabeça do colega sentado à frente. Isso repercutiu na minha vida pessoal e profissional negativamente. Com um único modelo a seguir, reproduzi tais fatos com meus alunos.

Sem formação adequada não proporcionei momentos lúdicos para criação e mantinha-os reduzidos à contemplação das paredes.

No decorrer desses últimos três anos abri os olhos para uma nova perspectiva do que realmente é uma infância bem vivida. Procuro perceber as nuances sem limitar ou domesticar as crianças que vem para as escolas, tão cheia de desejos e prazeres.

A Pedagogia foi uma estrada aberta em minha vida profissional, por ela, outros professores caminham, formamos assim uma equipe na busca de novos conhecimentos, acreditando na transformação e formação críticas dos alunos.

Como educadora tenho a obrigação de trabalhar proporcionando em sala de aula, um convívio de vivências e participação entre os alunos, pois “por meio da interação a criança galga os patamares necessários à construção da sua personalidade”.(MIRANDA, 1964, p. 59)

Quero relatar aqui, uma experiência de sala de aula em escola pública municipal. Em 2004 recebi um aluno que não conseguia integrar-se ao grupo, portanto era complicada sua socialização. Procurei a família, com sérios problemas de alcoolismo e abandono. Analisando, tinha em mãos uma criança em situação de risco.

Tinha então um desafio a minha frente. Junto com a equipe pedagógica da minha escola e com as aulas da faculdade, fomos em busca de estratégias para reintegrá-lo como sujeito participante de uma sociedade.

A maior dificuldade dessa criança era na questão do registro, proporcionei momentos lúdicos, onde trabalhava com o imaginário, criação, relações. Enfim, pude

assim observar e até encaminhá-la para um especialista da área de psicologia. O desenvolvimento foi satisfatório em relação à integração e relação com o grupo.

Pelos tantos outros momentos vividos em sala de aula, é que durante este curso, procurei me qualificar para poder contribuir na formação de uma geração mais pautada na colaboração, generosidade e solidariedade do que na competição, ou seja, incentivando a ganhar sempre ou perder por alguma limitação. Com a formação do magistério, acreditava que com um bom livro didático em mãos, eu daria uma aula fantástica. Bastaria passar conceitos, que todos por igual compreenderiam e seriam cidadãos aptos para enfrentar o mercado de trabalho. Mas vejam no que eu estava pensando, isso é um crime com a infância. Um verdadeiro furto da infância.

Analisando, essas crianças foram massacradas porque não tinham a compreensão, mas somente a “decoreba”, sem opiniões próprias.

Na trilha deste caminho, percebi diferentes potencialidades presentes dentro de uma sala de aula. Com a formação da Pedagogia, consegui o suporte necessário para trabalhar essas diversidades, acima de tudo enxergar a riqueza que trazem para todos e ainda levantar a auto-estima de todos.

O lúdico contribui sendo um meio, um caminho que todas as crianças participam, cada qual mostrando suas experiências de vida, seus conhecimentos e ainda desenvolvendo a capacidade de viver em grupo.

Confesso que não é de um momento para outro que consegui mudar e aceitar que sair do ambiente sala de aula e ir para um espaço aberto, os alunos estarão adquirindo conhecimentos.

Muitas vezes, o próprio sistema questiona uma aula direcionada para o lúdico, com tantos conteúdos programáticos a serem cumpridos. É importante nesse momento ter os argumentos e a certeza do que esta realizando. Como profissional da educação, planejo as aulas, traço um objetivo para ser alcançado. Até mesmo o lúdico, é algo já incorporado na vida escolar do aluno e em minha prática profissional e educacional. E o mais importante é ser flexível, para estar sempre inovando, faz-se necessário então buscar sempre uma nova rotina.

Já de ter planejado para que tudo acontecesse dentro da sala de aula simplesmente com os materiais básicos, onde estaria explicando o processo da divisão, foi então que o inesperado aconteceu, a turma não se interessou pela aula e estavam sentindo dificuldades. Então o que fiz? Mudei totalmente a aula, saindo da sala e buscando uma forma lúdica para que pudessem compreender. Desde então procuro estar

preparada para o inesperado e ser flexível e a partir do momento que me mostrei segura para lidar com o inesperado, obtive como resultado o envolvimento dos alunos com o conteúdo e muito mais a participação efetiva de todos.

O momento lúdico não é só um complemento, mas sim um auxiliar essencial no processo de ensino aprendizagem dos alunos. É um caminho que faz a criança, jogar, imaginar, brincar... Desenvolvendo e aprendendo com gosto, com vontade em seus olhares simples brincadeiras que desenvolvem objetivos reais sem que percebam. Assim, “ as aulas lúdicas parecem preencher uma importante lacuna: a carência da alegria, além do afeto mútuo envolvendo professor/criança e crianças/crianças.” (MIRANDA, 1964, p. 83).

O que muitas vezes acontecia em minhas aulas, era o momento lúdico com diversidades de jogos e brincadeiras, porém nesse momento, eu nunca parava para fazer uma auto-avaliação do meu trabalho ou até mesmo sem qualquer intervenção, ficava sentada como em um mero momento de descanso fora da sala de aula. Hoje, reflito através do momento lúdico, o que as crianças estão desenvolvendo, as relações, as vivências em grupo, como estão resolvendo uma situação...

Atualmente tenho outra concepção referente a ludicidade, o que antes permeava como apenas brincadeiras banais, hoje o quanto às crianças desenvolvem a afetividade, o cognitivo, a auto-estima e a capacidade de serem críticos e capazes de serem agentes transformadores.

O distanciamento que mantinha das teorias influenciava-me a ver nos jogos apenas seu caráter competitivo. Não conseguia perceber a disputa como elemento futuro de seres passivos, consumidores e sem criticidade.

A importância do lúdico se faz presente em minhas aulas em todas as atividades propostas, uma vez que, oferece à criança a oportunidade de aprender brincando, jogando...

A dinâmica das aulas pressupõe uma diversidade de recursos que não se limitam ao giz e a lousa. Em minhas aulas, a utilização de recursos diversos, é freqüente e os materiais são simples, adquiridos pela própria escola ou alunos. Na sala de aula sempre tem a disposição dos alunos: teatro, música, construção de objetos, jogos.

Todo esse trabalho é produto da reflexão conjunta e continua deste curso do PROESF, em que nós professores, as AP e orientadoras possuem papéis e as parcelas de contribuição.

Durante os momentos com o lúdico, me preocupo com minha postura para não influenciar com meus valores e com aquilo que acredito ser o correto, não é tão fácil assim, mas procuro encorajar a autonomia, uma vez que a intenção é formar uma personalidade intelectual e moralmente autônoma. Só consegui bons resultados a partir do momento que os alunos não foram mais submetidos a pressão e coerção. Não é de um momento para o outro que as crianças começam a ter iniciativa e autonomia, mesmo porque nossa cultura esta pautada historicamente na obediência, sem terem tido anteriormente a oportunidade de decidir, escolher, opinar, criticar, dizer o que pensam e sentem.

MATEMÁTICA E LÚDICO DE MÃOS DADAS

“O conhecimento só emerge em sua dimensão vitalizadora quando tem algum tipo de ligação com o prazer.”

Assmann

Refletindo todo o histórico educacional que recebi, especificamente voltado para o ensino da matemática, significa identificar lacunas e seqüelas de uma aprendizagem totalmente sem significado. Porque :“A matemática é geralmente considerada como uma ciência à parte, desligada da realidade, vivendo na penumbra do gabinete, um gabinete fechado, onde não entram os ruídos do mundo exterior, nem sol nem clamores dos homens.”(CARAÇA, 1998, p.23 ou XXIII).

Apesar da matemática estar sempre presente em qualquer momento de nossas vidas, digo, que sempre tive horror a esta disciplina. Lembro-me perfeitamente, quem perguntasse de qual disciplina eu não gostava até pouco tempo, dizia que era a matemática. Até mesmo porque sempre tive grandes dificuldades, os dias de prova se transformavam num pesadelo e por mais que tivesse prestado atenção acabava me dando mal.

Com meus alunos de escolas públicas não é diferente, em suas opiniões a disciplina matemática deveria ser abolida, uma vez que não conseguem fazer nenhuma relação da mesma com suas vidas. Chegavam até dizer que jamais usariam determinado conteúdo à não ser na escola por obrigatoriedade.

Desde então, sempre questionava a minha postura frente a tal situação que percorre pela história da humanidade em relação à matemática e deparei-me simplesmente com a mesmice com que fui educada. Como poderia mudar o conceito que esses alunos tinham se não existia nada de inovador?

Então, fazendo parte do processo de construção do conhecimento e acreditando nas crianças como seres capazes de transformações, intensifiquei um maior valor à disciplina de matemática, tendo um novo olhar, priorizando o pensar do fazer de maneira significativa e produtiva.

Parti para a busca de soluções, e a primeira solução foi romper com as práticas de exercícios repetitivos e a memorização, pois desta forma, como educadora, era tida como detentora do saber e a eles restava a submissão.

Passei a acreditar e ver na educadora que estava em mim, não uma mera transmissora de conhecimentos, mas um elemento que interage diretamente com cada um dos alunos, realizando intervenções problematizadoras, alimentando reflexões, promovendo a interação social, a partilha e o confronto de saberes entre os alunos, a construção do conhecimento, não a partir de respostas prontas e dadas a priori, mas buscadas pelos próprios alunos através da formulação de hipóteses.

Percebi que os conteúdos trabalhados em salas de aula, muitas vezes não era assimilado porque não entrava em debate, proporcionando momentos de vivências e trocas de experiências e conhecimentos, porquanto as crianças permaneciam enfileiradas todo o tempo sem qualquer oportunidade para tal.

Como o raciocínio vem da ação e da coordenação de ações e não simplesmente de repetições, foi através do lúdico que meus alunos passaram por mudanças onde lhe eram proporcionados conflito, para então assimilarem os conhecimentos.

Poderá ser o jogo, para as crianças, a fornalha, que ativando a dimensão criativa ampliará os horizontes dos seus mundos institucionais extra-escolares. Capacitadas a realizar suas próprias buscas, portanto seus próprios encontros, estarão habilitadas a melhor dirigirem suas experiências ulteriores. (MIRANDA, 1964, p. 84).

Proporciono aos alunos, a reflexão de que a matemática faz parte do dia-a-dia de qualquer individuo, onde estou sempre procurando desmistificar o que parece um “bicho de muitas cabeças”.

Já que não há dúvida da importância da disciplina de matemática e de sua utilidade em nossa vida. O importante nesse momento e tantos outros com quais me deparar é reverter a história de uma disciplina, considerada como castigo, fazendo-os participarem, integrando situações lúdicas com experiências do cotidiano, sem medo e com prazer.

Um exemplo muito prático de sala de aula são momentos onde a criança se envolve, imagina e cria, como arrumação de brinquedos e livros, organização de lista de compras, enfim, oportunidades em que procuro intervir para o desenvolvimento básico, para o ensino da disciplina de matemática, tendo como foco a classificação e a seriação.

Quando as crianças estão envolvidas com o lúdico, especificamente o jogo, muito se aprende. O lúdico faz a criança viver situações de influência mútua e perceber indiretamente conceitos importantes. Consigo visualizar, entre os alunos, quando estão

em algumas brincadeiras, jogos, socializarem os conhecimentos e ampliá-los. Não necessariamente só entre as crianças, mas também sou participante ativa dessa troca de saberes e mediadora, assim, é certeza que as crianças aprendem mais com o lúdico do que em algumas aulas expositivas.

A questão do lúdico vai além da matemática é o envolvimento de trabalhar no coletivo de forma saudável e transparente, que aproveito, para entrar nesse jogo e intervir com questões desafiadoras para o desenvolvimento do raciocínio lógico.

É muito interessante quando a criança se sente livre para resolver as atividades propostas. Enquanto eu consigo chegar na resposta com uma única forma de pensar, os alunos me surpreendem com respostas diferentes das tradicionais e o caminho que fazem para atingir a resolução é interessantíssimo, resgatando as possibilidades de soluções encontradas e construídas por eles mesmos, tornando real e significativo.

Deixo sempre a disposição materiais diversos, caso necessitem do concreto para a resolução das atividades. Valorizo essa possibilidade de cada criança dando voz para expressar o caminho encontrado de qualquer situação. Já que existe uma forma padrão, há também outras que devem ser consideradas.

Alguns alunos quando se deparam com um obstáculo, às primeiras atitudes é desistir. Ficava intrigada como alguns persistiam e iam até o fim, enquanto outros paravam na metade do caminho sem qualquer solução. Às vezes insistia com esse aluno para que continuasse, mas batia sempre na mesma tecla dizendo que não ia conseguir porque não sabia. Isso acontece com frequência. Procurei saber o porque desta atitude, ou melhor, o que deveria fazer para motivá-lo e buscar soluções para este problema.

Primeiro, era integrá-lo ao grupo para um trabalho coletivo e faz-se necessário compreender o erro como ferramenta para ensinar, que todo indivíduo faz parte de um processo de aprendizagem e é capaz para tal compreensão. De nada adiantava quando eu apenas sinalizava o erro, mas a partir do momento que comecei a levantar reflexões, proporcionando ao aluno os meios para tomar consciência deles, identificar sua origem e transpô-los o rendimento escolar quanto à aprendizagem deu um salto significativo. E assim alunos que estavam na lista para uma suposta reprovação conseguiram avançar e atingir os objetivos propostos para a série.

Quando recebo meus alunos acredito estar assumindo um compromisso de garantir-lhes a aprendizagem, que conheçam seus direitos e deveres, saibam fazer escolhas, tomar decisões e acima de tudo valorizar o que já sabem. Aprender na escola,

conciliando com o que já sabem torna-se uma aprendizagem significativa na vida da criança pois ,

a jornada humana da criação e desenvolvimento do pensamento se inicia na emoção e o seu primeiro passo é o afeto. Pensamento é linguagem e linguagem é pensamento. A linguagem afetiva é o primeiro e fundamental passo para a formação da nossa inteligência. A ação educativa só se inicia com ela.(LIMA, 2001, p. 4).

Na escola as atividades são planejadas, por isso me considero com muitas oportunidades para trabalhar o lúdico, fazendo uma relação do que já sabem com a matemática.

Um bom exemplo foi quando trabalhei a reutilização das embalagens e toda a sua importância. Por fim resolvemos brincar de supermercado. Percebi quanto tempo perdi dando continhas de A a Z, porque neste momento do lúdico pude refletir a questão das operações e muitas funções sociais como a utilização de cheques, cartões de crédito, do sistema monetário, a socialização, a comunicação, a argumentação...foi um momento muito rico e construtivo, em que encenavam papéis que fazem parte de suas vidas, como o pai, a mãe, a tia, a irmã...

AVALIAÇÃO

“O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar vazio de quem passa indiferente”.

(Mario Quintana)

Pensando como se dá o conhecimento através do lúdico, é importante que eu situe a avaliação nos vários momentos e fases do processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, relembro como aconteceu a avaliação no processo de ensino-aprendizagem durante a escola primária que freqüentei.

A escola era pautada no tradicional, portanto as aulas eram apresentadas de uma única forma para todos os alunos, como se não fossem seres pensantes, com capacidade para resolver uma situação de diversas formas. Era como se o professor levasse uma peça de roupa e todos tivessem que vestir e se adequar sem importar-se com o tamanho, porte físico...

O professor era o detentor do conhecimento, os alunos os receptores. Nos transmitiam os saberes e a nós bastava recebê-los, aprendendo sem raciocinar e sem questionar. O retorno dessa aprendizagem se dava através das avaliações (testes), que ao término do mesmo podia medir, quantificar, dar notas, classificar e selecionar os melhores.

O que marcou muito em minha vida foi a postura dos professores. Tinham poder de intimidar o aluno, era assim que me sentia, durante a avaliação eu ficava muito nervosa principalmente quando o professor parava do lado da carteira e ficava observando a prova, as vezes, fazendo expressões de que não estava certo. Essa postura autoritária me deixava nervosa e constrangida.

A avaliação era usada como forma de exclusão, com uma visão classificatória, punitiva e coercitiva, usado como um instrumento de controle da conduta comportamental do aluno, mesmo porque o próprio trabalho do professor era baseado nesta visão, se baseando em um único tipo de ensino e...

a lógica da avaliação não é independente da lógica da escola. Ao contrario, ela é produto de uma escola que entre outras coisas, separou-se da vida, da prática social. Tal separação, motivada por necessidades sociais de

enquadramento da força de trabalho, trouxe a necessidade de se avaliar artificialmente na escola aquilo que não se podia mais praticar na vida e vivenciar. Isso colocou como centro da aprendizagem a aprovação do professor, e não a capacidade de intervir na prática social. Aprender para “mostrar conhecimento ao professor” tomou o lugar “aprender para intervir na realidade”.”(FREITAS, 2003, p.40).

Minhas professoras sempre diziam que lugar de brincadeiras era em casa, que escola era lugar de estudar. Enfatizava que o aprender na escola era muito importante, o que de fato é mesmo, porém não fazia nenhuma relação com nossa vida, se tornava um aprendizado sem significado.

O diálogo entre professor/aluno praticamente não existia, a não ser para dizer que errou, que o trabalho ficou fraco. Muitos desses comentários ouvi, jamais imaginei chegar hoje numa universidade com tantas limitações que me foram impostas.

Mas, foi esta faculdade, que me proporcionou grandes oportunidades para trocas de diferentes experiências, fez-me refletir e provar que todos aprendem, mas de forma e em ritmo diferente. Cabe a cada professor descobrir a forma e o ritmo de aprender de cada indivíduo, para reconstruir sua prática pedagógica.

Digo reconstruir porque é nesse caminho que estou seguindo. Foi muito importante para mim a compreensão de que, a prática avaliativa não está dissociada do contexto do trabalho pedagógico. Mas não foi assim que aprendi quando comecei a lecionar. A avaliação estava no auge de discussões e o sistema pensava em mudanças, porém, ninguém tinha um norte a seguir. Portanto as provas eram realizadas para regulamentar quem vai a quem fica...

A necessidade de se avaliar é fato, durante toda a nossa vida estamos sendo avaliados. O importante é o aluno ser avaliado não só nos aspectos cognitivos, mas em sua plenitude, em todo seu processo de aprendizagem.

Então, porque não fazer uma avaliação dos alunos e até mesmo do trabalho pedagógico nos momentos lúdicos no espaço escolar?

Quando meus alunos estão vivendo esse momento rico, de brincar, jogar, fazer de conta, é possível fazer um diagnóstico das dificuldades e aprendizagens que ali estão acontecendo.

Nesse espaço de aprendizagem, que são os momentos lúdicos, a avaliação foca a situação escolar atual dos meus alunos nas questões de aprendizagem, sem punir ou

ênfatizar o que não sabem, mas avaliar o que já sabem e perceber que são capazes para aprender.

Vejo o desenvolvimento de meus alunos numa integralidade, não de forma fragmentada, busco uma aprendizagem que envolva e desenvolva os aspectos físicos, sociais, intelectuais, morais e afetivos.

O que resultou da formação em Pedagogia, foi à capacidade para observar meus alunos em suas brincadeiras, jogos e nesses momentos saber intervir. Esses momentos me revelam, através do comportamento do aluno como está seu lado afetivo. Numa determinada ocasião os alunos estavam sentados no pátio em pequenos grupos realizando atividades diversificadas de jogos e brincadeiras, um de meus alunos chorava todo o momento e não conseguia ter uma boa relação com os amigos, me aproximei e nesse contato revelou uma queimadura na palma da mão, e pior não tinha se queimado sozinho, um adulto da sua casa o queimou, mediante isso a escola tomou as providências necessárias. Talvez eu não tivesse percebido se todos estivessem enfileirados escrevendo da lousa sem o trabalho no coletivo.

A observação, investigação, são instrumentos dos quais utilizo, para uma avaliação diagnóstica, sendo fundamental o registro, sinto necessidade de tê-los por escrito. Organizada e documentada a evolução da aprendizagem, em cadernos de RT (relatório de trabalho), dessa forma, facilita meu olhar para cada criança e, além disso, consigo organizar as atividades lúdicas buscando solucionar as dificuldades ou defasagens.

Segundo Paulo Freire (1997), ensinamos se aprendizagem tiver acontecido; se não aconteceu aprendizagem, não ocorreu o ensino. É indispensável buscar alternativas que garantam o direito do aluno aprender e foi nessa busca que o lúdico como estratégia para essa aprendizagem, de cooperar para o desenvolvimento da capacidade pessoal.

Nessas atividades lúdicas faço uma avaliação diagnóstica, que dirá quem são esses sujeitos, qual sua expectativa histórica e cognitiva. Desenvolvem a capacidade da oralidade, de argumentar, de transformar...Portanto “o diagnóstico é inútil se não der lugar a uma ação apropriada. Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada...” (PERRENOUD, 1999, p. 15).

Então, o processo de avaliação dar-se-á de forma contínua e progressiva, durante todas as atividades lúdicas que fazem parte do ensino-aprendizagem e que de alguma forma sempre estará diretamente ligada aos objetivos e às estratégias propostas.

Proporciono aos alunos diversas formas de expressão, como no teatro, cantar, organizar um grupo... a avaliação é um processo contínuo, realizado através da observação e análise do desenvolvimento das dificuldades dos alunos, coleta de dados e registros, como já citado anteriormente.

No processo de avaliação fazemos uma discussão sobre o trabalho realizado, isto é após as brincadeiras e jogos, proporciono momentos para auto-avaliação. Faço levantamento de alguns tópicos e a partir desses, discutimos as relações, as comunicações, o respeito...

No início não conseguiam visualizar todo o desenrolar das atividades lúdicas. Intensificando este trabalho, algumas questões tiveram mudanças significativas, alguns alunos passivos já não recebiam ordens sem discutí-las, foram tornando-se independentes e discutindo suas idéias com argumentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não Sei
Não sei...se a vida é curta
ou longa demais pra nós,

Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
Mas que seja intensa,
verdadeira, pura...
Enquanto durar.
(Cora Carolina)

“Não sei”, nos faz refletir na desenvoltura de se perseverar e acreditar na ampliação das capacidades humanas.

Para o desenvolvimento dessas capacidades, devemos deixar nascer um olhar especial, a educação se faz no mundo e pelo mundo, no meio do mundo e para o mundo. A existência das pessoas não é igual, mas pela educação as pessoas se integram no mundo e participam dele.

Em minha docência, estou a abrir meu coração e acreditar que o colo, o braço, a palavra, o silêncio, a alegria, a lágrima, o olhar, o desejo, o amor, são essenciais para produzir o desenvolvimento que aos poucos vão se concretizando.

Busco um saber compreensivo que seja útil e existencial. O trabalho é árduo, minucioso...requer aperfeiçoamento constante, respeito à criança, que as relações sejam puras e verdadeiras, com o compromisso de constituir mudanças que fortaleçam mais

que o entendimento, a compreensão; mais do que as teorias, a vivencia; mais do que as estruturas, a vida. Afinal, a construção de um mundo melhor implica uma melhor pessoa existindo e atuando nele.

Enquanto educadora, não posso fechar-me nas minhas “certezas”, nem deixar a prática se tornar apática e solitária, porque em algum momento, a prática se tornou um hábito. Quero continuar acreditando na educação juntamente com uma equipe pedagógica que trabalha com sentimentos, afetividade e a vivência, como objeto de estudo.

Procuro estar atenta em relação a minha atuação, enquanto trabalho em equipe o que estou representando para o grupo, qual meu papel e responsabilidade, e o que ocorre com meu aluno. Não apenas superficialmente, mas de forma profunda e sensível.

Esses três anos de faculdade vieram para somar com minhas reflexões para que eu possa continuar a persistir no aperfeiçoamento do meu trabalho pedagógico.

Este trabalho prima em valorizar a construção da aprendizagem infantil. Não esquecendo que devemos considerar os conhecimentos prévios que nossos alunos trazem para escola. Então à postura do educador dar ênfase para atividades que busquem o resgate desses conhecimentos prévios, favorecendo atividades que propiciem o prazer, a alegria, a inter-relação, a parceria, gerando um clima afetivo.

Nós educadores somos a peça chave de todo o processo de aprendizagem, lembrando que educar não é apenas repassar informações, mas ajudar, oferecer ferramentas, para o desenvolvimento pleno de um indivíduo para atuar na sociedade com criticidade.

E por fim, o mais importante é dar sentido a prática pedagógica, tocando o coração das pessoas, não sendo assim, nada tem sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a Educação: Rumo a Uma Sociedade Aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998

BRASIL. Ministério da Educação. RCM, Brasília, 1998.

CARAÇA, B.J. “*Conceitos Fundamentais da Matemática*”. Lisboa: Gradiva, 2º edição. 1998.

FREIRE, Paulo “*Pedagogia da Autonomia*”, São Paulo: Edtiora Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Luiz Carlos de Aclos, *Seriação e Avaliação: Confronto de Lógica*: São Paulo: Moderna, 2003.

LIMA, Luciana, *A Linguagem Afetiva*, CTEAC/ Centro de Trabalho em Educação, Arte e Cultura: SP, 2001.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papirus, 1990.

MIRANDA, Simão. *Do Fascínio do Jogo á Alegria de Aprender*. Campinas, SP: Papirus, 1964.

RIZZO, Gilda, 1937. *Jogos Inteligentes: A Construção do Raciocínio na Escola Natural*- 3ºed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

STEINER, Rudolf. *Andar, Falar, Pensar*. Ed. Antroposófico, 1986.

VYGOTSKY, L. 1989. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

